



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

CURSO: HISTÓRIA

DISCIPLINA: HISTÓRIA ANTIGA II

PROFESSOR: PRISCILLA GONTIJO LEITE

ALUNOS: ADAILTON GOMES SALAZAR

CÁSSIO FELIPE AZEVEDO DE FIGUEREDO

JEFFERSON JOSÉ PONTES SILVA

LUCAS GUEDES PEREIRA ARNAUD ARROXELAS

WANDERSON ELIAS DOS SANTOS

ESCRAVIDÃO NA ROMA ANTIGA

JOÃO PESSOA – PB

2016

PLANO DE AULA

PÚBLICO ALVO: Ensino Médio.

DURAÇÃO: duas aulas de 50 minutos.

TEMA: A escravidão na Roma Antiga

OBJETIVOS GERAIS: Compreender o conceito de escravidão em Roma e sua importância para a organização socioeconômica romana.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Diferenciar a escravidão antiga e a escravidão moderna;
- Debater a respeito da noção de escravo-mercadoria;
- Identificar o papel da escravidão nas diferentes estruturas;
- Traçar o processo de gênese e decadência do escravismo em Roma;
- Problematizar a escravidão nos dias atuais e a condição do trabalhador.

CONTEÚDO:

- Conceito de escravidão na Antiguidade e na Modernidade;
- Conceito de escravo-mercadoria e a crítica a essa noção;
- Aspectos gerais a respeito da escravidão;
- A posição diversificada dos escravos na estrutura social;
- Formação e crise do escravismo na Antiguidade Clássica;
- Consequência da escravidão nas diferentes esferas da sociedade;
- A resistência dos escravos.

METODOLOGIA:

1ª Aula:

1) Questionar sobre o assunto: Começaremos a aula questionando os alunos acerca dos conhecimentos prévios que eles possuem sobre a ideia da escravidão na Antiguidade, fazendo perguntas como: “Como era a escravidão no mundo antigo?”, “Como era a vida do escravo?”, “Qual a importância do tema da escravidão para compreender a sociedade romana?”, “Quais as semelhanças e diferenças entre a escravidão na Antiguidade e a que ocorreu no Brasil?”, “Que funções exerciam os escravos na Roma Antiga”, entre outras. A partir das respostas fornecidas por eles, buscaremos realizar um levantamento de seu conhecimento sobre o assunto e caso notemos confusões envolvendo a escravidão antiga e a moderna, operaremos uma diferenciação entre as duas.

2) Conceituar a escravidão antiga: Em seguida, conceituaremos a escravidão antiga, introduzindo o debate em torno da questão do escravo-mercadoria na Antiguidade.

Escravidão Antiga e Moderna:

A principal diferença entre a escravidão na Antiguidade Clássica e a escravidão moderna está na questão do fator étnico. Enquanto que a escravidão moderna apresentava claramente um fator racial associado ao escravo, a antiga não apresentava.

Outra diferença está em que a escravidão moderna está relacionada com a diferença que é uma modalidade de ser, sendo inerente ao ser humano. Na escravidão antiga a relação ocorre com a desigualdade, que se refere a uma circunstância. No primeiro caso há a ideia de que há algo inerente a uma pessoa que a torna escrava, no segundo a ideia é de que algo a levou à condição de escravo.

Outras diferenças podem ser levantadas como as funções do escravo na sociedade, a origem do escravo, as diferenças entre os dois escravismos, a alforria, o liberto, entre outras.

Para mais informações *vide*: BARROS, José D'Assunção. Escravidão Clássica e Escravidão Moderna. Desigualdade e Diferença no Pensamento Escravista: uma comparação entre os antigos e os modernos. *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, Aveiro, V.15, 195-230. 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion (Coordenação); REDE, Marcelo; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (Org.). Escravidão antiga e moderna. *Tempo*, Niterói, v. 3, n. 6, dez. 1998.

VASCONCELOS, Beatriz Avila. O escravo como coisa e o escravo como animal: da Roma Antiga ao Brasil contemporâneo. *Revista UFG*, Goiânia, Ano XIII, n. 12, p.137-153, jul. 2012.

Conceito de escravo mercadoria:

O conceito de escravo mercadoria se baseia na ideia de que o escravo teria seu estatuto de um objeto (*instrumentum vocale* no dizer de Varrão), sendo passível de comercialização, corresponderia, portanto, a uma mercadoria. Este conceito foi apropriado durante a modernidade.

Essa concepção sofre algumas críticas como a existência de uma diferença entre o estatuto jurídico do escravo e a sua situação real, ou a que essa situação corresponde a apenas um momento da trajetória social do escravo, sendo necessário analisar a escravidão como um processo e não como um status.

Para mais informações *vide*: ARISTÓTELES. A Política. São Paulo: Ícone Editora, 2007. Coleção Fundamentos da Filosofia.

ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Trabalho Compulsório na Antiguidade. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FINLEY, Moses I. Amos e escravos. In: PINSKY, Jaime (Org.). Modos de produção na Antiguidade. 4ª edição. São Paulo: Global Editora, 1984. p. 113-156.

CARDOSO, Ciro Flamarion (Coordenação); REDE, Marcelo; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (Org.). Escravidão antiga e moderna. Tempo, Niterói, v. 3, n. 6, dez. 1998.

3) Explicar a escravidão em Roma: Após isso, iremos explicar alguns aspectos gerais da escravidão e do escravismo em Roma, como a origem do escravo, a gênese do escravismo, o papel do escravo nos diferentes segmentos sociais (econômico, social, cultural), as diferentes posições que ele poderia ocupar, os conflitos sociais e a resistência empreendida pelos escravos, o pecúlio, entre outros. Posteriormente, discutiremos o processo de crise do escravismo em Roma. Durante a explanação do assunto iremos utilizar fontes históricas com o objetivo de um melhor entendimento por parte do aluno. As fontes que serão utilizadas se encontram presentes no Anexo I, contendo uma fonte referente ao tema do escravo-mercadoria, duas fontes para a discussão a respeito das diferentes atividades exercidas pelos escravos, uma para a alforria e uma para o tema da resistência dos escravos. As fontes aparecerão quando cada um dos temas for trabalhado durante a aula, em que buscaremos problematizar o

conteúdo das fontes, relacionando-os com a temática, possibilitando um melhor entendimento por parte do aluno.

4) Pesquisa em casa: Ao final da aula, pediríamos aos alunos para trazerem na próxima aula pesquisas (notícias, dados etc.) sobre escravidão nos dias atuais.

Escravidão no Brasil atual:

Apesar de ser considerado crime pelo artigo 149 do Código Penal a escravidão continua a existir no Brasil atual; mas na verdade esta não é uma particularidade do nosso país, mas uma realidade difundida internacionalmente. O trabalho escravo é definido por quatro elementos: trabalho forçado, jornada exaustiva, servidão por dívida e condições degradantes.

Desde 1995, quando o Brasil admitiu a existência de trabalho escravo no seu território, cerca de 50 mil pessoas foram resgatadas em condições de escravidão.

O principal setor onde se encontram situações de trabalho escravo é o da produção agrária, tendo destaque também a indústria têxtil e a prostituição. Os principais estados envolvidos são: Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia, Piauí, Maranhão, Tocantins e Pará.

2ª Aula:

1) Dividir a turma em grupos: Nesta aula, dividiríamos a turma em cinco grupos de seis pessoas e distribuiríamos imagens e fontes primárias sobre a escravidão em Roma, acompanhado de cartolina, a partir disso, iria ser disponibilizado um tempo para os alunos para refletirem a respeito das fotos e, posteriormente, colocarem pontos que julgarem importantes na cartolina.

2) Fazer o debate: Em seguida, os alunos iriam apresentar as pesquisas e as ideias anotadas nas cartolinas, com isso, proporcionaremos um debate entre a turma sobre a interpretação deles das fontes escritas e imagéticas sobre escravidão nos dias atuais e a condição do trabalhador.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadro, marcador de quadro ou giz, cartolinas, fotos e fontes textuais retiradas do livro *Trabalho compulsório na antiguidade* de Ciro Flamarion Cardoso e d'A *Política* de Aristóteles.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será realizada a partir das atividades de pesquisas, apresentação das ideias elaboradas pelo grupo e pela análise dos documentos textuais e imagéticos.

BIBLIOGRAFIA:

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Ícone Editora, 2007. Coleção Fundamentos da Filosofia.

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Trabalho Compulsório na Antiguidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FINLEY, Moses I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

FINLEY, Moses I. Amos e escravos. In: PINSKY, Jaime (Org.). **Modos de produção na Antiguidade**. 4ª edição. São Paulo: Global Editora, 1984. p. 113-156.

JOLY, Fábio Duarte. Guerra e escravidão no mundo romano. In: FUNARI, Pedro Paulo (Org.); DE CARVALHO, Margarida Maria (Org.); CARLAN, Claudio Umpierre (Org.); DA SILVA, Érica Cristhyane Morais (Org.). **História militar do mundo antigo: guerras e representações**. São Paulo: Annablume editora, 2011. p. 139-150.

BARROS, José D'Assunção. Escravidão Clássica e Escravidão Moderna. Desigualdade e Diferença no Pensamento Escravista: uma comparação entre os antigos e os modernos. **Ágora: Estudos Clássicos em Debate**, Aveiro, V.15, 195-230. 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion (Coordenação); REDE, Marcelo; ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de (Org.). **Escravidão antiga e moderna**. Tempo, Niterói, v. 3, n. 6, dez. 1998.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 52, p.227-246, 2006.

VASCONCELOS, Beatriz Avila. O escravo como coisa e o escravo como animal: da Roma Antiga ao Brasil contemporâneo. **Revista UFG**, Goiânia, Ano XIII, n. 12, p.137-153, jul. 2012.

ANEXO 1:

Fontes escritas para serem utilizadas na aula:

O escravo-mercadoria:

Texto 1:

“Os instrumentos propriamente ditos são instrumentos de produção. A propriedade, ao contrário, é simplesmente de uso. Assim, a lançadeira pode produzir mais do que se exige dela, mas um vestuário, um leito, nada produzem além de uso. Diferindo a produção e o uso segundo a espécie, e tendo essas duas coisas instrumentos próprios, é claro que os instrumentos que lhes servem devem ter a mesma diferença. A vida é uso e não produção. Aí está porque o escravo só serve para facilitar o uso. “Propriedade” é uma palavra que deve ser compreendida como parte: a parte não se inclui apenas no todo, mas pertence ainda, de modo absoluto, a qualquer coisa além de si própria. Da mesma forma, também o senhor é simplesmente dono do escravo, mas não é parte essencial dele. O escravo, ao contrário, não só é servo do senhor, como ainda lhe pertence de um modo absoluto” (Aristóteles, 2007, Livro I, Capítulo II, p. 18)

Diferentes atividades exercidas pelos escravos:

Texto 2:

“Texto nº 70: Escravos nas minas da Espanha

Natureza e data do texto:

Diodoro da Sicília (século I a.C.) refere-se aqui às minas exploradas por publicanos na Espanha romana a fins da República (V, 38, 1).

Texto:

Os homens ocupados nessas operações de mineração produzem rendimentos incrivelmente altos para seus senhores, mas como resultado de suas escavações subterrâneas de dia e de noite tornam-se ruínas física, e devido às suas condições extremamente ruins, a taxa de mortalidade é alta. Não se lhes permite parar de trabalhar ou descansar: são forçados pelos golpes de seus supervisores a permanecer em seus lugares e a jogar fora suas vidas desgraçadas como resultado de tão horrível dureza. Alguns deles sobrevivem para suportar sua miséria por longo tempo, por causa de seu vigor físico, ou da simples força de vontade; mas devido à extensão de seus sofrimentos, eles preferem morrer a sobreviver.” (Diodoro da Sicília, Biblioteca Histórica, V, 38, 1 - Cardoso, 1984, p. 133-134)

Texto 3:

“Texto nº72: Escravos gladiadores em Pompéia

Natureza e data do texto:

Trata-se de um cartaz publicitário pintado numa parede em Pompéia, anunciando combates de gladiadores durante cinco dias do mês de março. Pompéia foi destruída por uma erupção do Vesúvio em 79 d.C.

Texto:

Vinte pares de gladiadores pertencentes à Decimus Lucretius Satrius Valens, flâmine perpétuo de Nero César filho de Augusto e dez pares de gladiadores pertencentes à Decimus Lucretius Valens filho combaterão em Pompéia nos dias seis, cinco, quatro, três e na véspera dos idos de abril. Haverá uma caça conforme as regras, e toldos.

Aemilius Celer escreveu isto sozinho à luz da lua.

Observações:

Os toldos mencionados serviam para proteger os espectadores do sol. A menção a uma “caça” indica que o espetáculo contaria também com feras.” (Cardoso, 1984, p. 134-135)

Alforria:

Texto 4:

“Texto nº74: Os tipos de libertos segundo um jurista

Natureza e data do texto

Gaius, jurista do século II d.C., escreveu as *Institutas* (I, 12-19), único texto jurídico completo do Alto Império que se conservou.

Texto:

...Há três tipos de libertos: com efeito, eles são, ou cidadãos romanos, ou latinos, ou contados entre os deditícios; examinemos cada um destes casos em particular, e em primeiro lugar o dos deditícios.

Foi decidido pela lei Aelia Sentia que os escravos que houvessem sido acorrentados como castigo por seus senhores, os que houvessem sido marcados com ferro em brasa, ou os que, depois de terem cometido uma falta, houvessem sido submetidos a um interrogatório sob tortura, sendo considerados culpados; do mesmo modo os que houvessem sido entregues para combaterem no circo com arma branca ou

contra as feras – seja que houvessem sido encerrados numa escola de gladiadores ou numa prisão -, se em seguida fossem alforriados por seu próprio senhor ou por outra pessoa, tornar-se-iam homens livres, mas segundo a condição dos peregrinos deditícios. Chamamos peregrinos deditícios aqueles que, tendo tomado as armas contra o povo romano e tendo-o combatido, foram vencidos e se entregaram incondicionalmente. Então, escravos tão portes, seja qual for a maneira pela qual foram alforriados, e sejam de que idade forem, mesmo tendo pertencido de pleno direito a seu senhor, nós diremos que jamais poderão tornar-se cidadãos romanos ou latinos, e reconheceremos que de qualquer maneira farão parte dos deditícios.

Mas se um escravo não foi em forma alguma manchado por semelhante estigma, nós diremos que depois de sua alforria ele pode se tornar cidadão romano ou latino. Pois aquele que reúne as três condições de ter mais de trinta anos de idade, de ter sido libertado por uma alforria justa e de acordo com as leis..., este se torna cidadão romano; mas se faltar qualquer destas três condições, ele será latino.

Observações:

A lei Aelias Sentia data do reino de Augusto (4 d.C.). Os deditícios foram os únicos excluídos da aplicação do édito de Caracalla, que em 213 d.C. tornou cidadãos romanos os homens livres do Império.” (Gaius, Institutas, I, 12-19 - Cardoso, 1984, p. 136-137)

Resistência dos escravos:

Texto 5:

“Texto nº80: Formas de resistência quotidiana dos escravos rurais

Natureza e data do texto:

Outra passagem de *De re rustica*, do agrônomo Columella (século I d.C.)

Texto:

Os escravos podem causar grande prejuízo, seja alugado os bois da propriedade, seja alimentando-os mal, do mesmo modo que aos outros animais; seja não arando em forma adequada, seja exigindo mais sementes do que as da fato semearam; seja não cuidando dos vegetais que plantaram para que vicejem, seja, quando a colheita é levada para a eira, diminuindo o produto da debulha dos grãos por fraude ou negligência: pois eles mesmos o roubam, ou o deixam tomar por outros ladrões, ou não o registram fielmente.” (Columella, De re rustica - Cardoso, 1984, p. 141)

Anexo 2:

Fontes escritas para serem utilizadas na atividade didática:

Texto do grupo 1 – tema: origem dos escravos:

“Os romanos apossavam-se de escravos através de procedimentos extremamente legítimos: ou compravam do Estado aqueles que fossem vendidos “debaixo da lança” como parte do botim; ou um general podia permitir àqueles que fizessem prisioneiros de guerra conservá-los, juntamente com o resto do produto do saque; ou obtinham a posse de escravos comprovando-os de outros que fossem seus senhores em virtude de um dos métodos anteriores” (Dionísio de Halicarnasso, História Antiga dos Romanos, IV, 24 - Cardoso, 1984, p. 128)

Textos 2 e 3 – tema: situação dos escravos

Texto 2:

“... Bons deuses! Que restos de humanidade havia lá! Suas peles pareciam pintadas pela marca lívida das chicotadas; suas cotas estavam cheias de feridas, e mais cobertas do que vestidas de farrapos rasgados. Alguns vestiam só um retalho que lhes cobria o púbis. Todos no entanto envergavam túnicas, mas estavam tão rasgadas que revelavam seus corpos. Letras estavam marcadas em suas testas, tinham os cabelos raspados pela metade, e ferros nos pés. Sua tez era emaciada e descolorida, suas pálpebras estavam avermelhadas por uma fumaça negra e ardente, que inflamava seus olhos. E como lutadores que se cobrem de poeira ao combater, uma farinha semelhante a cinza os tornava horripelantemente brancos.” (Apuleio, As Metamorfoses, IX, 10-12 - Cardoso, 1984, p. 134)

Texto 3:

“Ele [Marcus Agrippa] mantinha uma família especialmente para o abastecimento de água, a qual cuidava dos aquedutos, das torres de distribuição e dos reservatórios. Esta família de escravos foi herdada por Augusto, e ele a passou para o Estado (...)

... Há de fato duas famílias: uma pertence ao Estado, a outra a César. A do Estado é a mais antiga: já o dissemos, ela foi legada por Agrippa a Augusto e dada por este último ao Estado. Consta de cerca de 240 homens. O número dos membros da

família de César é de 460; ela foi instituída por Cláudio quando fez chegar seus aquedutos à cidade.

Cada uma das duas famílias se subdivide em certo número de especialistas: capazes, guardiães das torres de distribuição, inspetores, reparadores da pavimentação, trabalhadores em gesso e outros artesãos. (...)

Os salários da família do Estado incubem ao erário público... A família de César recebe seu salário do fisco; este fornece também todo o chumbo e todas as despesas necessárias para a manutenção dos condutos, das torres de distribuição e dos reservatórios.” (Frontino, De aquis, II, 98, 116, 117, 118 - Cardoso, 1984, 135-136)

Texto do grupo 4 – tema: Alforria

“Se alguém afirma ter comprado a si mesmo para a liberdade com seu próprio dinheiro, pode depositar uma acusação contra o dono em cuja boa fé confiou, e queixar-se do fato de não ter sido alforriado por ele. Em Roma, pode fazer isto diante do Prefeito da Cidade, e nas províncias pode aproximar-se dos governadores, como resultado de um decreto dos Divinos Irmãos; com esta condição, porém, de que um escravo que fizer tal acusação mas não puder prová-la, será enviado nas minas, a não ser que seu senhor prefira recebê-lo de volta para aplicar-lhe uma punição, que não poderá ser maior do que aquela.” (Marciano, Institutas, livro II - Cardoso, 1984, p.139)

Texto do grupo 5 – tema: resistência

“...Crasso tentou de todas as maneiras dar combatividade a Espártaco, para que Pompeu não pudesse colher a glória da guerra. O próprio Espártaco, pensando antecipar-se a Pompeu, convidou Crasso a entender-se com ele. Quando suas propostas foram rejeitadas com desprezo, ele resolveu arriscar uma batalha, e como sua cavalaria havia chegado, avançou com todo o seu exército através das linhas do exército que lhe fazia cerco, e avançou para Brundisium com Crasso perseguindo. Quando Espártaco soube que Lúculo acabara de chegar a Brundisium da sua vitória contra Mitridates, perdeu toda esperança e trouxe suas forças, que eram então muito numerosas ainda, para perto das de Crasso. A batalha foi longa e sangrenta, como era de se esperar de tantos milhares de homens desesperados. Espártaco foi ferido na coxa por uma lança e ajoelhou-se, segurando seu escudo à sua frente e lutando assim contra seus atacantes até que ele e a grande massa dos que com ele estavam foram cercados e mortos. O resto de seu exército entrou em pânico e foi massacrado maciçamente. Tão grande foi a matança

que se tornou impossível contar os mortos. Os romanos perderam mais ou menos mil homens. O corpo de Espártaco não foi achado. Muitos dos seus homens fugiram do campo da batalha para as montanhas, onde os seguiu Crasso. Eles se dividiram em quatro grupos, e continuaram a lutar até que todos pereceram, com exceção de seis mil que foram capturados e crucificados ao longo de toda a estrada de Cápua a Roma.” (Apiano, História das Guerras Civis Romanas, livro I, capítulo XIV, 116-120 - Cardoso, 1984, p.143-144)

ANEXO 3:

Imagens posteriores:

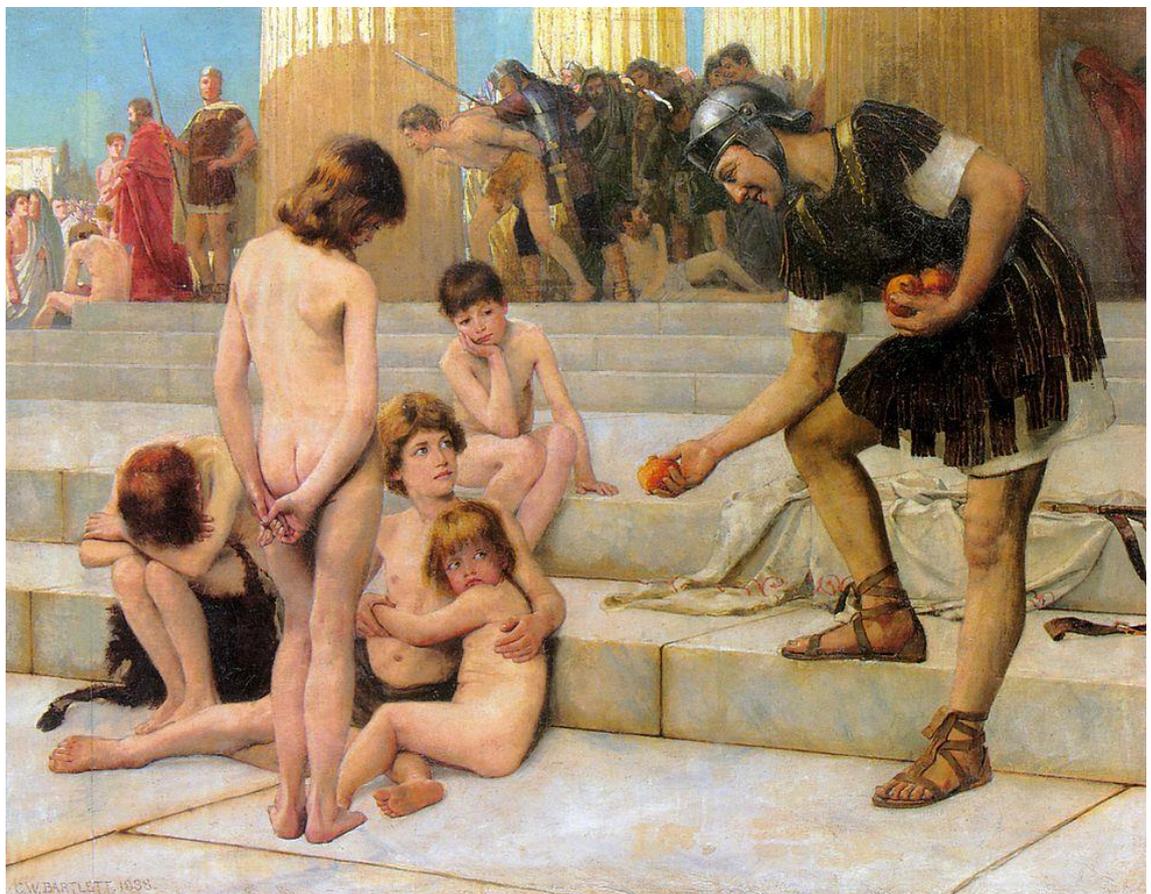
A relação entre antigos e modernos é objeto de diversas querelas ao longo do tempo, que dizem respeito a questões do presente.

No século XIX observamos a retomada de diversas temáticas clássicas, como podemos observar no neoclassicismo. É interessante observar como o exemplo de Espártaco foi utilizado em diversas ocasiões, este aspecto pode ser observado na atualidade em filmes e séries que foram feitos representando o evento.

As duas imagens seguintes correspondem a pinturas do final do século XIX.

Origens dos escravos:

Imagem do grupo 1:



Fonte:

https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiF7c-kp9vPAhVHHx4KHcrqC0kQjRwIBw&url=https%3A%2F%2Fcommons.wikimedia.org%2Fwiki%2FFile%3ACharles_Bartlett_-_Captives_in_Rome%2C_1888.jpg&bvm=bv.135974163,d.dmo&psig=AFQjCNHho1v9q5ZrFOgu rHxgpUbKiJzjvw&ust=1476569261428200

Captives in Rome de Charles W. Bartlett. 1888. 157.5 × 102.2 cm (62 × 40.2 in).

Resistência e repressão:

Imagem do grupo 5:



Fonte: <https://3.bp.blogspot.com/-toLvAKw36MQ/V2KZpNC4-ii/AAAAAAAAAN0s/wAIYzhOvTA8B9KsTN8CET7nWRQy-AK5IQCLcB/s1600/fatos-interessantes-sobre-a-escravid%25C3%25A3o-na-Roma-Antiga-07.jpg>

Tod des Spartacus de Hermann Vogel. 1882.

Imagens da Antiguidade:

Situação dos escravos:

Imagem do grupo 2:



Fonte: <http://ancientimes.blogspot.com.br/2007/08/roman-slavery-and-rate-of-manumission.html>

Lápide em mármore representando uma mulher de status elevado com seu assistente escravo Grego. Século I a.C.

Imagem do grupo 3:

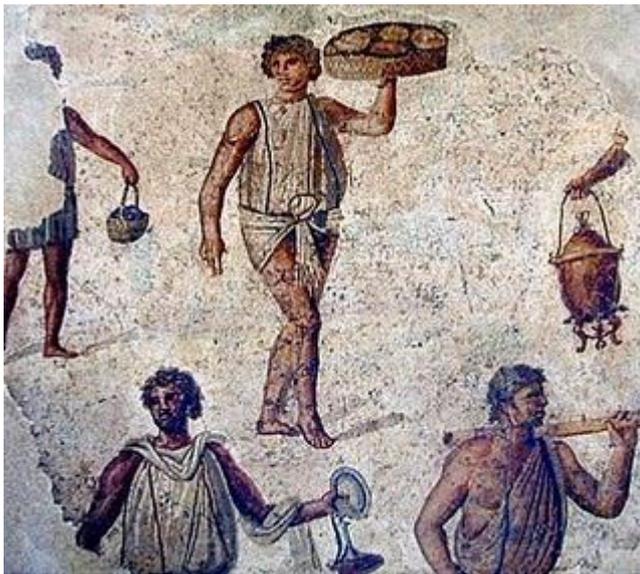


Fonte: <https://4.bp.blogspot.com/-hraorrCkMJs/V2KZo87hmFI/AAAAAAAAAN0k/ghHxUMeYUU4AeuPERlkcSD2QxOrPAT1ZACLcB/s640/fatos-interessantes-sobre-a-escravid%25C3%25A3o-na-Roma-Antiga-05.jpg>

Colhedora galo-romana. Auxiliada pela seletora.

Alforria:

Imagem do grupo 4:



Fonte:

http://4.bp.blogspot.com/_39ephwOkYhQ/TG8OAvj95bI/AAAAAAAAAnM/RyVcXy-WP2U/s1600/Escravos+em+roma.jpg

Imagem representando escravos empregados no comércio.